

## A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO NO ENSINO MÉDIO

### AFFECTIVENESS IN THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP IN HIGH SCHOOL

### LA AFECTIVIDAD EM LA RELACIÓN DOCENTE-ALUMNO EM LA ESCUELA SECUNDARIA

Adriana da Silva Chaves<sup>1</sup>  
Carla Cristina Coutinho Garcia<sup>2</sup>  
Adiel de Farias Manzotti<sup>3</sup>  
Diogenes José Gusmão Coutinho<sup>4</sup>

**RESUMO:** Esse artigo trata da afetividade na relação professor-aluno. Será que a afetividade interfere no processo de aprendizagem? Esse estudo tem por objetivo esclarecer algumas questões relacionadas a esse assunto. Observamos que, atualmente, essa relação estabelecida entre professor e aluno pode definir a facilidade ou dificuldade de aprendizagem, pois o ser humano é social por natureza, e é através dessa interação que o ser evolui e se desenvolve. Foi utilizada uma abordagem qualitativa tendo a entrevista como meio de observação participante. A amostra foi constituída de cento e vinte alunos do primeiro ano do Ensino Médio e a análise do material textual identificou que a afetividade é primordial no processo de aprendizagem.

1888

**Palavras-chave:** Afetividade. Aprendizagem. Professor-Aluno.

**ABSTRACT:** This article deals with affectivity in the teacher-student relationship. Does affectivity interfere with the learning process? This study aims to clarify some questions related to this subject. We observe that, currently, this relationship established between teacher and student can define the ease or difficulty of learning, as human beings are social by nature, and it is through this interaction that the human being evolves and develops. A qualitative approach was used with the interview as a means of participant observation. The sample consisted of one hundred and twenty students in the first year of high school and the analysis of the textual material identified that affectivity is paramount in the learning process.

**Keywords:** Affectivity. Learning. Teacher Student.

<sup>1</sup>Mestranda em Ciência da Educação na Christian Business School.

<sup>2</sup>Mestranda em Ciência da Educação na Christian Business School.

<sup>3</sup>Mestre em Psicologia Educacional pelo Centro Universitário FIEO.

<sup>4</sup>Docente do Mestrado em Ciência da Educação na Christian Business School. Doutor em biologia-UFPE.

**RESUMEN:** Este artículo trata sobre la afectividad en la relación profesor-alumno. ¿La afectividad interfiere en el proceso de aprendizaje? Este estudio tiene como objetivo aclarar algunas cuestiones relacionadas con este tema. Observamos que, actualmente, esta relación que se establece entre docente y alumno puede definir la facilidad o dificultad de aprender, ya que el ser humano es social por naturaleza, y es a través de esta interacción que el ser humano evoluciona y se desarrolla. Se utilizó un enfoque cualitativo con la entrevista como medio de observación participante. La muestra estuvo conformada por ciento veinte estudiantes del primer año de secundaria y el análisis del material textual identificó que la afectividad es primordial en el proceso de aprendizaje.

**Palabras clave:** Afectividad. Aprendiendo. Maestro – estudiante.

## INTRODUÇÃO

A afetividade na aprendizagem é algo importantíssimo, pois a relação professor-aluno influencia diretamente na relação e interação social.

Partindo desse ponto, o vínculo afetivo, quando presente, torna diferente a relação do sujeito com o aprender, propicia-lhe a oportunidade de ser visto com competências, possibilidades e respeito.

O ser humano é social por natureza. Desde criança vivemos em sociedade e formamos grupos com pessoas de diferentes raças, crenças e personalidades. As relações humanas são complexas, porém necessárias e são fundamentais para o nosso desenvolvimento e crescimento pessoal. Dessa forma, como podemos ignorar a importância da interação entre professor e aluno?

Como profissionais na área da educação observamos que, atualmente, essa relação entre professor-aluno é extremamente importante, pois é a partir de sua inserção na cultura que o aprendente, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai evoluindo as formas elementares do pensamento para formas mais abstratas que a ajudarão a conhecer e controlar a realidade.

Nós, educadores, temos que ter comprometimento com o aprendente, lutando contra qualquer forma de discriminação, nos colocarmos em favor da esperança que os animam; termos uma relação horizontal onde educados e educando estabelecem constante diálogo, buscando transformar a realidade, e ambos aprendem e ensinam juntos.

As relações humanas, embora complexas, são peças fundamentais na realização comportamental e profissional de um indivíduo. Desta forma, a análise dos relacionamentos entre professor-aluno envolve interesses e intenções, sendo esta

interação o expoente das consequências, pois a educação é uma das fontes mais importantes do desenvolvimento comportamental e agregação de valores nos membros da espécie humana.

## Apresentação de Resultados

Atualmente vem se configurando uma visão essencialmente social para o processo de aprendizagem, o enfoque está nas relações sociais e através da interação com outros que o ser incorpora instrumentos culturais.

Vygotsky (1994) destaca a importância das interações sociais, traz a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura e interação social com as pessoas que a rodeiam, que há o desenvolvimento. Nesse sentido Vygotsky destaca a importância do outro não só no processo de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir. Segundo o autor, o processo de internalização envolve uma série de transformações que colocam em relação ao social e o individual. Afirma que *“todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro no nível social, e depois no nível individual; primeiro entre pessoas (interpsicológica), e depois no interior da criança (intrapsicológica)”*

Partindo desse pressuposto, o papel do outro no processo de aprendizagem torna-se fundamental. Consequentemente, a mediação e a qualidade das interações sociais ganham destaque.

Smolka e Góes (1995), se referem a ideia de mediação da seguinte forma:

*“Isto significa dizer que é através de outros que o sujeito estabelece relações com objetos de conhecimento, ou seja, que a elaboração cognitiva se funda na relação com outro”.*

Klein (1996) defende, de maneira semelhante, que o objetivo de conhecimento não existe fora das relações humanas. *“De fato, para chegar ao objeto, é necessário que o sujeito entre em relação com outros sujeitos que estão, pela função social que lhe atribuem, constituindo esse objeto enquanto tal”.* Nesse sentido, são as relações humanas que formam a essência do conhecimento, pois só existe a partir de seu uso social.

Vygotsky e Wallon descrevem o caráter social da afetividade, sendo a relação afetividade-inteligência fundamental para todo o processo de desenvolvimento do ser humano.

O educador é, sem dúvida a peça mestra nesse processo de desenvolvimento, sendo um elemento essencial e fundamental. Quanto maior e mais rica a sua história de vida e profissional maiores serão as possibilidades de empenhar uma prática efetiva que eduque positivamente.

Em relação a esse assunto Nóvoa (1991) afirma que “ *não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente*”. Isto não quer dizer que o professor seja o único responsável pelo sucesso ou insucesso do educando durante a sua vida educativa, mas sim, que o seu papel é de extrema importância, seja como profissional ou como pessoa.

Para que o processo educativo seja efetivo, é necessário que haja algo mais que permeie essa relação professor-aluno. E esse algo mais é a afetividade, ou seja, uma relação mais estreita entre o educando e educador.

Snyders (1986) afirma que, quando se ama o mundo, esse amor ilumina e ajuda a revelá-lo, a descobri-lo. O amor não é contrário ao conhecimento e pode tornar-se lucidez, necessidade de compreender. Para Mauco (1986), a educação afetiva deveria ser a primeira preocupação dos educadores, porque é ela que condiciona o comportamento, o caráter e a atividade cognitiva do ser.

Segundo Goleman (1997), ao desenvolver o conceito de inteligência emocional, salienta que aprendemos sempre melhor quando se trata de assuntos que nos dá prazer ou que nos interessamos.

Assim, a relação horizontal, onde o educador e o educando estabelecem constante diálogo. Muitos professores, porém, desqualificam, ironizam, minimizam ou negam as contribuições de seus alunos e alunas para não correrem o risco de responder algo que vá além das respostas prontas, já preparadas. Mantêm a postura de detentores de todo o conhecimento.

Outra questão importante para Freire na relação educador-educando seria o respeito permanente que um deve ter para com o outro. Esse respeito parte do compromisso firmado entre esses sujeitos quando inseridos conjuntamente no processo educacional. Respeito esse que exige do educador a ascensão de sua autoridade de professor no interior da sala de aula, tomando decisões, conduzindo o

processo educacional, orientando atividades; e que por isso não pode confundir-se com prática autoritária; e que, portanto, pressupõe o resguardo da autonomia e liberdade de que deve gozar o educando, sem contudo, tal liberdade ser confundida com licenciosidade, em outras palavras, com descompromisso para com o processo político-educativo.

É preciso entender que a autoridade necessária a relação educador-educando não é a que inibe e cala os sujeitos do processo, mas sim, aquela que prioriza sua liberdade para a construção de um clima real de disciplina.

O educador para partilhar seu ponto de vista sem impor ou manipular o educando deve respeitar as expectativas e escolhas dos mesmos.

Para Freire (2003) o educador tem personalidade específica e tem algum espaço no qual tem de realizar algumas obrigações necessárias do ponto de vista do desenvolvimento dos educandos.

A segurança e a clareza na compreensão do mundo nos auxiliam na nossa prática educacional; é impossível ensinar alguém sem ensiná-lo a começar a fazer algo sozinho, serem livres para descobrir, para buscar conhecimento. O bom educador tem a humanidade de perceber que o conteúdo está incompleto e também ter a humanidade como educador, perceber-se incompleto.

Segundo Antunes (2002), o professor é o único no mundo que tem argila com a qual se moldará. E por isso precisa refletir sobre as ferramentas e crenças que balizam suas ações, verificando melhores caminhos no processo do “educar”.

### **A importância da afetividade e da família na vida do educando**

A família é a base de tudo na vida do ser humano, é onde aprendemos as primeiras noções da vida em sociedade, os primeiros conceitos de afeto, carinho, respeito, cultura e exemplo.

Percebemos que quando os pais são presentes, mostram-se interessados e participativos, o educando apresenta maior motivação para aprender. A interação entre família e escola deveria ocorrer momentos de maior troca de informações e não ser reduzida meramente em reuniões formais.

Vemos que o sucesso da aprendizagem não depende somente da relação professor-aluno, mas também da relação com a família.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi elaborada uma pesquisa qualitativa com cento e vinte alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Houve dois momentos para a elaboração; o primeiro momento da pesquisa foi escrita, através de um questionário elaborado pela professora e o segundo momento foi através de um debate, onde os alunos puderam expor suas opiniões e pontos de vista sobre o assunto tratado.

Com base nessa abordagem qualitativa, pode-se perceber que o assunto da afetividade professor-aluno é abrangente, pois os alunos deixaram bem claro que essa relação é importante e influencia diretamente no ensino aprendizagem. Ficou claro que quando o professor é inafetivo os alunos têm maior dificuldade, pois não tem um elo com o professor e não se sentem à vontade para questioná-lo sobre determinado assunto em que está com dificuldade de entendimento.

Para os alunos, em questão, professor afetivo é aquele que: trato-o bem, responde suas perguntas sem grosserias ou ironias, se mostra preocupado com o mesmo, deixa muito claro quais são as regras, impõe limites sem tirania, ou seja, o aluno vê todas essas atitudes como forma de afetividade.

O aluno sabe que, colocar limites e cobrá-los faz parte da aprendizagem, eles não veem como forma de castigo ou cobrança indevida, mas sim, como forma de ajudá-los a aprender de forma mais sistemática, principalmente tratando-se de alunos do Ensino Médio, que infelizmente a cobrança é voltada para Vestibular e ENEM.

Os dados apresentados parecem confirmar que existiu um refinamento nas trocas afetivas e isso foi observado pelos próprios alunos. Foi comum encontrar, nos depoimentos, referências ao respeito, à colaboração, à valorização de cada um e do desejo de compreender o outro. Assim, quanto melhores forem as condições de se cultivarem sentimentos como estes, mais consistentes e profundos serão os relacionamentos, promovendo uma aprendizagem significativa.

É certo que as relações entre as pessoas não são sempre permeadas pela tranquilidade e pela suavidade. Os fenômenos afetivos referem-se igualmente aos estados de raiva, medo, ansiedade, tristeza. Essas emoções e sentimentos estão presentes nas interações sociais, no entanto, deve-se ressaltar que na presente pesquisa, tais manifestações não foram observadas, pois os dados coletados restringiram-se apenas às situações específicas de aprendizagem.

Wallon e vários autores estudiosos da psicogênese já afirmaram que é possível atuar sobre o cognitivo via afetivo e vice-versa. Nesse sentido, torna-se evidente que condições afetivas favoráveis facilitam o aprendizado.

Outro ponto observado nos dados foi a importância das diversas formas de interação entre professores e alunos, para a construção da autoestima e da autoconfiança, influenciando diretamente no processo de aprendizagem. Frequentemente detectaram-se nas interações, sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação. Da mesma forma, evidenciaram-se sentimentos de compreensão, aceitação e valorização do outro. Nesse sentido, pode se concluir que as experiências vividas em sala de aula permitiram trocas afetivas positivas.

Logo, a relação entre professor e aluno depende, fundamentalmente, do clima estabelecido pelo professor, da relação empática com seus alunos, de sua capacidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles. Indica também, que o professor deve buscar educar para as mudanças, para a autonomia, para a liberdade possível numa abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. (1999) **A emoção na sala de aula**. Campinas: Papirus.

DANTAS, H. (1992) Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. **Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial Ltda.

\_\_\_\_\_ (1993) Emoção e ação pedagógica na infância: contribuição de Wallon.

**Temas em Psicologia**, Sociedade Brasileira de Psicologia, São Paulo, n.º 3, p. 73-76.

\_\_\_\_\_ (1994) Algumas contribuições da psicogenética de H. Wallon para a atividade educativa. **Revista de educação da A. E. C.**, Brasília, v. 23, n.º 91, p. 45-51, abr/jun.

FONSECA, Vitor da. **Educação Especial**. 2 ed. Poro alegre: Artes Médicas, 1995

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa** 24ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 22 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo. FREIRE, Ana Maria de Araújo(org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.
- FREIRE, Paulo. HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando**. 2 ed. Petrópolis RJ: Editora vozes, 2003<sup>a</sup>
- GADOTTI, Moacir. **Pensamento pedagógico brasileiro**. 6. Ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 1995.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- ENGELMANN, A. (1978) **Os estados subjetivos: uma tentativa de classificação de seus relatos verbais**. São Paulo: Ática.
- FERNANDÉZ, A. (1991) **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas.
- KLEIN, L. R. (1996) **Alfabetização: quem tem medo de ensinar**. São Paulo: Cortez.
- PINO, A. (1997) O biológico e o cultural nos processos cognitivos, em **Linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências**. Anais do encontro sobre Teoria e Pesquisa em ensino de ciências. Campinas: gráfica da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, p. 5-24
- \_\_\_\_\_ (mimeo) Afetividade e vida de relação. Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- SADALLA, A. M. F. A. (1997) **Com a palavra, a professora**. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas.
- SMOLKA, A. L. B. & GÓES, M. C. (orgs.) (1995) **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento**. São Paulo: Editora Papyrus.
- VYGOTSKY, L. S. (1994) **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes.
- WALLON, H. (1968) **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70.
- AQUINO, J. R. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In: J. R. G. AQUINO (Org.) **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus editorial, 1996.
- COLL, C. e Miras, M. **A representação Mútua Professor/Aluno a suas Repercussões sobre o Ensino e a Aprendizagem**. In: COLL, César, Jesús Palacios e Álvaro MARCHESI (Org.) **Desenvolvimento Psicológico e Educação - Psicologia da Educação**; Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- COLL. C. e Sole, I **A Interação Professor/Aluno no Processo de Ensino e Aprendizagem**; In: César Coll, Jesús Palacios e Álvaro Marchesi (Org.) **Desenvolvimento Psicológico e Educação Artes Médicas**, 1996.

CUEBRO, Rosário e MORENO, Carmem (1995). **Relações Sociais nos Anos Escolares: Família, Escola, Colegas**. In: César Coll, Jesús Palacio e Alvaro Marchesi

(Org.) Desenvolvimento Psicológico e Educação – Psicológico da Educação; Porto Alegre, Artes Médicas.

GADOTTI, Moacir. **Convite à leitura de Paulo Freire**. São Paulo. Spcione série Pensamento e ação no Magistério – 1991.

GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo. História da Educação. 2 ed. São Paulo, Cortez, 1996

HENÁNDEZ, Fernando. O diálogo como mediador da aprendizagem e da condão sujeito na sala de aula, **Revista Pátio**, Ano VI n. 22 jul/ago, 2002.

KLAUSMEIER, Herbert J. e GOODWIN, Willian, **Manual de Psicologia Educacional: Aprendizagem e capacidades humanas**. São Paulo, Harbra, 1976.

MUSSEN, Paul Henry, John Janeway Conger, Jerome Kakagan e Aletha Carol Huston. **Desenvolvimento e Personalidade da Criança**. 3 ed. Ed. Harba Ltda.

PIAGET, Jean. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense: Universitária, 1969.

PIMENTEL, **Lago Noções de Psicologia**. São Paulo Ed. Melhoramento, 1974. V

Colóquio Internacional Paulo Freire – Recife, 19 a 22-setembro 2005 12 REGO, T. C.R.

**A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskyana**. In: J. R. G. Aquino (Org.) Indisciplina na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus editorial, 1996. SALA, E. M. & Goñi, J. O. **A teoria da aprendizagem verbal significativa**. In: C. Coll Salvador et alli Psicologia do ensino. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. SANTOS, C. S. G. S. **Interação professor-aluno e aprendizagem de leitura e escrita numa primeira série do primeiro grau**. Dissertação apresentada ao Mestrado de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba, 1995.